

# ALÉM DA DIFUSÃO: O ESPORTE E SUA RECONSTRUÇÃO EM CONTEXTOS TRANSCULTURAIS<sup>1</sup>

Maarten van Bottenburg<sup>2</sup>

**Resumo:** Nesse artigo, analiso duas complexidades envolvendo a produção de um volume abrangente e sintético da história do esporte na Europa, como lições a serem aprendidas das mudanças de paradigmas em teorias da globalização. A primeira lição é que a história cultural do esporte na Europa moderna deve reexaminar criticamente modelos unidirecionais de análises de difusão do esporte. Isso é verdade tanto para o senso comum de que a Inglaterra foi o centro de difusão e a premissa comum que esses esportes se difundiram da Inglaterra para o resto do mundo. Dessa forma, deve ser dada maior atenção a processos de difusão reversa, tanto dentro como entre a Europa e outros continentes. A segunda lição se refere a formas com que esportes foram difundidos de um grupo para outro. Uma história cultural transnacional do esporte na Europa sintética deve prestar atenção ao processo de adaptação e reinterpretação, assim como de contestação e rejeição, e analisar suas consequências.

**Palavras-chave:** História do Esporte na Europa, teoria e metodologia, difusão do esporte.

## Beyond Diffusion: Sport and Its Remaking in Cross-Cultural Contexts

**Abstract:** In this paper, I discuss two complexities involved in the writing of a comprehensive, synthetic volume on the history of European sport, as lessons to be learned from paradigm shifts in general theories of globalization. The first lesson is that a cultural history of sport in modern Europe should critically re-examine unidirectional models in analyses of sports diffusion. This holds true for both the commonplace that Britain was the centre of diffusion, and the general assumption that these sports diffused from Britain to the rest of the world. In this respect, more attention should also be paid to reverse diffusion processes, both within Europe and between Europe and other continents. The second lesson concerns the ways in which sports have diffused from one group to another. A synthesizing cross-national cultural history of sport in Europe should pay attention to processes of adaptation and reinterpretation, as well as contestation and rejection, and analyze their consequences.

**Keywords:** History of European Sport, theory and methodology, sports diffusion.

---

<sup>1</sup> Tradução inédita em português. Original em inglês publicado no *Journal of Sport History*, volume 37, número 1, 2010, p. 401-413. Traduzido com autorização da autora e do *JSH*. Com esta tradução, *Recorde* busca contribuir para a divulgação, em língua portuguesa, de artigos relevantes da produção acadêmica em inglês na área de História do Esporte.

<sup>2</sup> Universidade de Utrecht, Utrecht, Países Baixos. Email: m.vanbottenburg@uu.nl.

Em 1983, o historiador do esporte Allen Guttmann escreveu que a história do esporte europeu ideal ainda não havia sido escrita, e que provavelmente nunca seria. Em seu lugar, o que ele tinha a disposição naquele tempo era apenas “uma coleção de livros abrangentes, em sua maioria esforços coletivos que tendem a ter muitos dados e pouca interpretação, e uma mistura de monografias, algumas das quais são muito admiráveis” (GUTTMANN, 1983, p. 36). Vinte e seis anos depois, essa situação se modificou de maneira significativa. Há hoje uma literatura substancial, e em eterno crescimento, sobre a história do esporte na Europa, que é, em geral, empiricamente robusta e teoricamente fundamentada, com grande número de historiografias nacionais e muitos artigos, livros e volumes sobre variados temas, como identidade nacional, gênero, classe social e muito mais (ARNAUD e TERRET, 1996; EISENBERG, 1999; HOLT, 1981, 1989; JARVIE e WALKER, 1994; MANGAN, 2002; TRANTER, 1998).

Ainda assim, um volume abrangente e sintético da história do esporte na Europa continua em falta. Livros como *European Cultures in Sport* [Culturas Europeias no Esporte] (RIORDAN e KRÜGER, 2003) são coleções de estudos de casos, nos quais a história do esporte em diferentes nações europeias é descrita separadamente, sem análises comparativas. Outros estudos comparam estudos de casos históricos europeus sobre temas como política internacional, nacionalismo e militarismo, ou tentam integrar uma análise de histórias do esporte europeias em um estudo de história cultural mais ampla e de difusão dos esportes (ARNAUD e RIORDAN, 1998; BAIRNER, 2001; BOTTENBURG, 2001; GUTTMANN, 1994; MANDELL, 1984; MANGAN, 2002). No entanto, não houve nenhuma tentativa de unificar esses estudos, de examinar criticamente as linhas desses trabalhos e contrabalancear seu “grande olhar nacional” (ROKKAN, 1971). Além disso, a história do esporte na Europa se consolidou principalmente nos países maiores e mais influentes, sobretudo na Alemanha e na Inglaterra. Como consequência, a história do esporte de muitos povos em regiões menores e menos influentes da Europa não foi, ou pouco foi, estudada, em parte devido a questões linguísticas (GUTTMANN, 1983; STRUNA, 2000).

Existem ainda outros desafios. Além de conseguir acesso a material de pesquisa em diversas línguas e equilibrar esse material igualmente entre todos os países, regiões ou zonas da Europa, há o desafio de realizar uma análise transcultural e transnacional do surgimento e da difusão dos esportes modernos, em conjunto com o desenvolvimento de culturas esportivas nacionais, regionais ou zonais em toda Europa, no contexto de mudanças sociais mais amplas em um mundo globalizante. Um breve resumo das mudanças de paradigma que ocorreram na teoria de globalização pode ajudar a compreender as complexidades desse desafio.

Até a década de 1970, a abordagem de modernização era o paradigma dominante na sociologia do desenvolvimento. Teóricos da modernização tentaram analisar e explicar a transição de sociedades tradicionais em modernas – especialmente a partir das dinâmicas internas de um país – que foram resultado de processos distintos nas áreas da política, economia e cultura, como industrialização,

especialização do trabalho, burocratização e secularização (EISENSTADT, 1974). Nos anos 1970, essa abordagem foi duramente criticada por conta da pouca atenção destinada a interdependências e relações de poder entre nações (exploração, subdesenvolvimento) e pela premissa, geralmente implícita, de que a modernização seria um processo linear que seguiria o modelo ocidental. Novos paradigmas de desenvolvimento social emergiram, em especial a teoria da dependência e a teoria do sistema-mundo, que tentaram analisar e explicar mudanças sociais com enfoque nas hierarquias de poder no sistema-mundo, com países dominantes e dependentes, ou – utilizando os termos do sociólogo Immanuel Wallerstein – nações centrais, semiperiféricas e periféricas (CARDOSO e ENZO, 1979; WALLERSTEIN, 1990). Alinhada com essas teorias, a “tese do imperialismo cultural” se tornou popular na década de 1980 e, com ela, noções como ocidentalização e americanização (HAMELINK, 1983; SCHILLER, 1976). Sua proposição central era que certas culturas dominantes ameaçavam suprimir outras mais vulneráveis, levando à homogeneização cultural (TOMLINSON, 1999). No início dos anos 1990, essas noções instigaram um extenso debate entre sociólogos e historiadores do esporte sobre tendências dominantes na difusão esportiva e a utilidade de conceitos como americanização, ocidentalização, imperialismo cultural e globalização, em seus respectivos campos (GUTTMANN, 1991; KIDD, 1991; KLEIN, 1991; MAGUIRE, 1990; MCKAY e MILLER, 1991; WAGNER, 1990). Esse debate, entretanto, foi deixado de lado com uma nova mudança de paradigma com a teoria da globalização.

A teoria do sistema-mundo e a tese do imperialismo cultural que a acompanhava já eram criticadas ao final da década de 1980, pela mesma falácia que havia sido apontada na teoria da modernização: o caráter unidirecional do desenvolvimento econômico, social, político e cultural – “do ocidente para o ‘resto’” (MAGUIRE, 1999). Em contraste com essa interpretação, gerações posteriores de teóricos da globalização davam grande ênfase ao papel ativo de indivíduos no nível local (HANNERZ, 1992; PIETERSE, 1988; ROBERTSON, 1992; SASSEN, 2006). Sob suas perspectivas, a cultura não é difundida de forma unilateral, do centro à periferia. Na verdade, eles teorizam e analisam a difusão cultural como um processo ativo e complexo de interpretação, tradução, modificação, mutação e adaptação (MCGREW e HELD, 2007; ROSSI, 2007; TOMLINSON, 1999). O antropólogo Ulf Hannerz, por exemplo, defende que a distribuição de cultura é afetada pela estrutura de relações assimétricas. Ele enfatiza que processos culturais não são um simples caso de pressão constante do centro para a periferia, mas uma interação muito mais criativa entre significados e formas culturais inicialmente exteriores e outros preexistentes, historicamente desenvolvidos. Esse processo cultural de “creolização” também “permite respostas cada vez maiores da periferia” (HANNERZ, 1992, p. 265). Produtos culturais, símbolos e significados renovados pela periferia retornam – geralmente como novos produtos – para o mercado global. Ao invés de caminhar para a homogeneização cultural, isso representaria uma tendência à diferenciação e complexidade cultural (KING, 1997).

Teóricos da globalização como Arjun Appadurai, John Urry e Barbara Aboe-El-Haj dão um passo além e evitam, ou questionam, termos como “centro” e “periferia”. Appadurai (1990, 1996) prefere termos como “panoramas”<sup>3</sup> e “fluxos” para expressar caminhos não isomórficos de correntes culturais. Urry (2003) utiliza conceitos e métodos da teoria da complexidade para evitar noções que são reduzidas a, ou explicadas por, processos únicos. Da mesma forma, Aboe-El-Haj (1997, p. 142) reconhece que sua ambição “em dar um equilíbrio justo entre o global e o local é limitada desde o princípio por nossa incapacidade de gerar uma linguagem comparativa além das dualidades que reproduzem o regime global ao tentar evisceralo”. Para ela, termos como centro/periferia, ocidental/não ocidental, desenvolvido/em desenvolvimento, entre outros, não fornecem capacidade descritiva ou analítica para esferas de atividades fluidas e voláteis.

Essa ênfase em fluxos e espaços não significa que relações de poder são ignoradas pelas teorias da globalização atuais. Pelo contrário, como argumentam os teóricos políticos David Held e Anthony McGrew (2007), a análise das relações de poder permanece sendo fundamentais para a compreensão das dinâmicas de globalização. Essas relações de poder são, no entanto, reestruturadas e reescaladas (ROSSI, 2007; SASSEN, 2008). Saskia Sassen, outro proeminente estudioso da globalização, enfatiza que o Estado-Nação perde componentes específicos de sua autoridade, enquanto outros atores, como cidades globais e redes globais de negócios, ganham importância estratégica. Esse processo contribui para a desconstrução parcial, ou ao menos para o enfraquecimento, no Estado-Nação, o que pode resultar mais provavelmente em uma multiplicidade de culturas globais, do que em uma cultura única (SASSEN, 2008; FEATHERSTONE, 1990).

Essas mudanças de paradigma na teoria da globalização fornecem importantes questões em relação à produção da história cultural do esporte na Europa moderna. Irei me basear em dois pontos chave, relacionados às armadilhas de se produzir uma história cultural sintética do esporte na Europa. Meu primeiro ponto é que tal história cultural deve reexaminar, de forma crítica, modelos unidirecionais em análises de difusão do esporte. Meu segundo ponto é que a história cultural deve prestar atenção aos sistemas complexos de adaptação e reinterpretção, assim como contestação e rejeição, e analisar suas consequências.

## **Pluriformidade**

A teoria modelo afirma que a Inglaterra é o local de nascimento dos esportes modernos e que os esportes foram difundidos de lá para o resto do mundo. Essa tese é muito bem fundamentada por muitos estudiosos, começando pelos estudos ainda muito recomendáveis de Maria Kloeren (1935) e Herbert Schöffler (1935) em meados dos anos 1930. Pode-se

---

<sup>3</sup> O termo “scape” foi aqui traduzido como “panoramas”. Appadurai utiliza o sufixo “scape”, para formar conceitos como “ethnoscapes” (panoramas étnicos), “mediascapes” (panoramas midiáticos), “technoscapes” (panoramas tecnológicos), “finanscapes” (panoramas financeiros) e “ideoscapes” (panoramas ideológicos). (N do T.)

argumentar, entretanto, que essa tese tenha se tornado um lugar comum, de tal forma que seus significados, limites e implicações não sejam sempre ponderadas.

Para iniciar, os britânicos não inventaram o esporte em si, mas um novo modelo de esporte. Foi na Inglaterra que os primeiros jogos e passatempos foram esportivizados, como é colocado pelo sociólogo Norbert Elias (1971), pela organização, regulação e padronização de jogos e passatempos existentes – como hipismo, críquete, golfe e boxe – ou pela invenção, organização e padronização de novos esportes – como futebol, rúgbi, hóquei e tênis. As características do novo modelo de esportes foram examinadas e discutidas detalhadamente, especialmente a partir de ou contra duas perspectivas. Primeiro, uma perspectiva weberiana ressaltou as características formais-estruturais, que Guttmann identificou como meios de distinção do esporte moderno frente a jogos e passatempos anteriores: secularismo, igualdade, racionalização, especialização, burocratização, quantificação e a busca por recordes (GUTTMANN, 1978; EICHBERG, 1978; BROWNELL, 2001). Segundo, uma perspectiva eliasiana (figuracional) destacou a mudança nos níveis de violência tolerada como uma marca definidora entre os esportes modernos e jogos e passatempos tradicionais (ELIAS e DUNNING, 1986; DUNNING e ROJEK, 1992; VAMPLEW, 2007a). Ainda que diferentes, e em certo grau incompatíveis, as duas interpretações traçam as origens dos esportes modernos na Inglaterra. Ainda mais, como afirma o historiador Richard Holt (1989, p. 2), elas se tornaram “uma parte integral da imagem que os britânicos apresentaram ao mundo, uma que estrangeiros passaram a associar aos ingleses”.

Por conta da influência e do prestígio da Inglaterra como uma grande potência no final do século XIX, elites cosmopolitas em outros países se interessaram no modo de vida britânico e adotaram os esportes modernos por eles praticados; ou “esportivizaram” diversos passatempos de seu próprio país, de acordo com o novo modelo esportivo. Uma consequência acidental dessa inovação, e de sua difusão, foi que os novos esportes e as novas atividades esportivizadas foram definidas de forma diferente – ou construídas em oposição – a todas outras atividades similares ao esporte que formavam parte das culturas locais, regionais e nacionais na Europa. Essas atividades nativas, parecidas com o esporte, foram reinterpretadas e reclassificadas como não-esportes, de acordo com os novos valores e com a terminologia relacionada. Jogos e passatempos indígenas que não possuíssem as características do modelo esportivo britânico eram vistos como antiquados e atrasados (BOTTEBURG, 2001). Dessa forma, a introdução desse modelo esportivo mudou as visões e percepções das pessoas sobre seu lazer, seus corpos e sua cultura de movimento.

Essa definição de esporte, esse construto social, fundamenta nosso reconhecimento de que a Inglaterra é o berço do esporte moderno. Ela é também a base de nossa compreensão do *desenvolvimento unidirecional* do esporte: “do ritual ao recorde”<sup>4</sup> (INGHAM, 1997; GUTTMANN, 1978).

---

<sup>4</sup> “Do Ritual ao Recorde” (From Ritual to Record) é o título do influente livro de Allen Guttmann (1978). (N. do T.)

Ainda que essa compreensão tenha uma base firme e que tenha provado ser produtiva para a produção de histórias do esporte, ela não é isenta de problemas. Como demonstrado pelo sociólogo cultural Henning Eichberg, existem muitas outras tendências além das relacionadas ao esporte competitivo e de conquistas. Essas incluem o surgimento dos esportes de saúde e estilo de vida, a continuação de muitos esportes folclóricos e a popularização dos esportes de rua, de base, e todos os tipos de outras “configurações corporais” que desafiaram a forma tradicional de se praticar e definir os esportes (BALE e PHILO, 1998).

O caso da ginástica alemã, ou *Turnen*, poder ser, ou ter que ser, definida como parte do movimento esportivo ou não tem sido alvo de um duro debate em muitas partes da Europa. Cada país ainda vê o conceito de “esporte” e “ginástica” de forma diferente (RIORDAN e KRÜGER, 2003). O mesmo pode ser dito de atividades que são rotuladas na Escandinávia como *idrott*, ou uma de suas variantes linguísticas. Nota-se frequentemente: o esporte é um conceito contestado. Mas o que isso significa para a produção de uma história cultural dos esportes na Europa? Diferentes perspectivas sobre esse assunto levarão a diferentes percepções de suas origens, desenvolvimentos e fluxos.

Isso me traz ao meu segundo argumento, ligado à difusão unilateral do esporte. A maioria dos estudiosos concordam que os esportes modernos, depois de terem sido criados na Inglaterra, se espalharam pelo mundo, começando pelos domínios britânicos, suas colônias e países vizinhos. Como John Bale, geógrafo do esporte, generalizou nos anos 1980, “o esporte como fenômeno tem suas raízes na Inglaterra e tendeu a se difundir de nações mais avançadas às em avanço (sob o ponto de vista da economia ocidental)” (BALE, 1989, p. 71). De forma semelhante, é amplamente reconhecido, como afirma Guttmann (1991), que os Estados Unidos ultrapassaram a Grã-Bretanha no início do século XX como a principal engrenagem na difusão global dos esportes modernos.

A história completa é mais complicada, é evidente. O mundo dos esportes se desenvolveu em um contexto pluricentral em nível internacional, e mais tarde até mesmo global. No final do século XIX e início do século XX, esse contexto foi caracterizado na Europa pelo crescimento de interdependências entre nações-estados (emergentes). No sentido econômico, havia um líder, a Inglaterra; os outros eram seguidores (LANDES, 2003). Ainda assim, a Inglaterra competia na Europa com quatro outras grandes potências – Áustria, França, Prússia (depois Alemanha) e Rússia, que possuíam suas próprias tradições culturais e esferas de influência – enquanto diversas outras nações menores, como Bélgica, respondiam rapidamente às crescentes economias dos países que se industrializavam rapidamente, e lucravam com elas. Isso é relevante aqui, uma vez que o poder político, econômico e cultural das nações envolvidas foi identificado como o fator mais significativo na determinação do processo de difusão lúdica, pelo menos na fase inicial de desenvolvimento dos esportes modernos (STOKVIS, 1989; GUTTMANN, 1994; BOTTENBURG, 2001). No entanto, ainda não sabemos o peso relativo de cada vetor de poder. Os centros culturais do mundo não são, por definição, idênticos como centros políticos e

econômicos, e ser influente na “baixa cultura” pode ter outras implicações do que ser poderoso na “alta cultura” (HANNERZ, 1992).

Devido ao contexto pluricentrado em que a difusão inicial dos esportes ocorreu, não há razão para supor que o papel e a influência primeiramente da Alemanha e da França devam ser reconsiderados na história dos esportes na Europa. A maior parte da literatura que abordou ou se debruçou sobre esse problema limita-se ao desenvolvimento do esporte na Alemanha ou na França. Com algumas poucas notáveis exceções, a influência que o desenvolvimento de seus esportes teve em outros países europeus e na cultura esportiva mundial é menos pesquisada. Em um dos poucos artigos sobre essa questão,<sup>5</sup> a socióloga do esporte Gertrud Pfister analisou como o *Turnen* alemão, a ginástica sueca e os esportes britânicos foram marcados uns pelos outros, assim como influenciaram os demais; e como o *Turnen* alemão foi exportado para a Europa oriental, a ginástica sueca para a Inglaterra e os esportes modernos para a Espanha. Em suas próprias palavras, essa contribuição foi “uma das muitas pedras que faltavam para o grande mosaico da história do esporte na Europa” (PFISTER, 2003, p. 61).

Um dos maiores desafios para a produção de uma história dos esportes modernos na Europa é examinar o confronto entre os modelos alemão e britânico em cada país e procurar as dinâmicas e os padrões desses confrontos.<sup>6</sup> Os dois modelos representam orientações distintas: o britânico estava relacionado a jogos e esportes competitivos, e o alemão a exercícios físicos. Nesse sentido, é muito interessante a investigação das relações históricas entre os valores e as características dos exercícios físicos promovidos pelos movimentos de ginástica e por atividades físicas posteriores como fisiculturismo, aeróbica e fitness. Por exemplo, haveria uma relação entre a força dos movimentos de ginástica no início do século XX e os movimentos fitness das últimas décadas? E qual teria sido o impacto que o modelo alemão teve na Inglaterra?

Análises sobre a influência francesa em outros países europeus são igualmente necessárias na história do esporte na Europa. O importante papel dos franceses na organização internacional dos esportes é um exemplo disso. Muitas federações esportivas internacionais foram fundadas na França, geralmente sem a participação inicial dos ingleses e com o francês como língua oficial, até mesmo em esportes de origem britânica. Isso pode ser observado com a Federação Internacional de Tênis (então *International Lawn Tennis Federation*), fundada em Paris em 1913; a Federação Internacional de Hóquei, formada em Paris por Áustria, Bélgica, Tchecoslováquia, França, Hungria, Espanha e Suíça, em 1924; e também a Fédération Internationale de Football Association, formada em 1904 em Paris, por França, Bélgica, Dinamarca, Países Baixos, Espanha, Suécia e Portugal – novamente sem a Inglaterra. Essa lista pode ser expandida, especialmente em referência a outras grandes contribuições francesa para o mundo dos esportes: a fundação das Olimpíadas Modernas. Ainda que os ingleses tivessem adotado inicialmente uma atitude de indiferença em relação a essas iniciativas

---

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, Roland Naul (1991).

<sup>6</sup> Ver, por exemplo, Riordan e Krüger (2003).

francesas, sua história do esporte foi afetada pela política dessas federações e eles eventualmente tiveram que se envolver mais adiante. Assim, não a Inglaterra, mas uma configuração de países europeus – ou, para ser mais preciso, de representantes de grupos de elites masculinas europeias – fundaram quase todas as federações esportivas internacionais e administraram essas organizações por longo período. A maioria dessas federações ainda têm seu escritório central na França ou na (região francófona da) Suíça.

Ao longo do século XX, a influência das potências europeias foi sendo gradualmente erodida por estados não-europeus: primeiro os Estados Unidos, então a União Soviética, depois o Japão e hoje a China. Essas mudanças na balança internacional de poder tiveram ainda outros impactos na paisagem esportiva europeia, como a introdução e popularização de esportes específicos (como basquetebol, voleibol, “esportes californianos”, artes marciais) e novas práticas organizacionais (clubes de fitness, dojôs, sistemas centralizados de esportes de elite). Não obstante, os países europeus nunca perderam seu poder. Eles se recuperaram rapidamente após a Segunda Guerra Mundial, formaram alianças políticas e econômicas, e renovaram sua influência na arena global. Nesse processo, o contexto das fases posteriores do desenvolvimento dos esportes na Europa se tornou muito mais pluricentrado, o que complica ainda mais a produção de uma história cultural comparada. Curiosamente, Hannerz (1992) apontou para o fato de que no mundo contemporâneo alguns centros podem ter forte influência apenas em suas regiões, por exemplo, devido a uma tradição cultural e linguística compartilhada. Tais centros regionais podem produzir e difundir novos significados e formas culturais, ou podem operar como corretores culturais, traduzindo influências de centros de primeira grandeza em algo mais adaptável às condições culturais da região.

## **Complexidade**

Além de atentar para o contexto pluricentrado no qual os esportes modernos se originaram e foram difundidos na Europa, uma história cultural comparada do esporte precisa considerar os complexos processos de interação que ocorreram em cada país quando práticas culturais preexistentes, desenvolvidas historicamente, eram confrontadas com os novos esportes estrangeiros. A literatura da história do esporte mostra que indivíduos no continente não substituíram seus passatempos locais pelos novos esportes britânicos sem questionamentos, para começarem a se comportar como um “*gentleman amateur*” (cavalheiro amador). Em cada país, a cultura esportiva inglesa era adotada, adaptada, interpretada, contestada, incorporada e resistida de forma seletiva.

Os ingleses eram admirados por alguns grupos, mas isso era acompanhado de fortes sentimentos de rivalidade, aversão e resistência à adoção de esportes ingleses por outros. Isso era ainda mais verdadeiro para os grandes rivais da Inglaterra, Alemanha e França. Quanto mais

poderosos os países do continente fosse, mais avessos a influências estrangeiras eles pareciam ser, e isso incluía esportes britânicos. Como mencionado anteriormente, o *Turnen* era apresentado e propagado na Alemanha como uma alternativa para os esportes britânicos, que eram vistos como antialemães. A disputa entre os propagandistas da ginástica e esportes relacionados como natação e handebol, e defensores dos esportes ingleses durou um longo período em muitos outros países, especialmente naqueles sob forte influência alemã na Europa continental (BOTTENBURG, 2001; PFISTER, 2003; MANDELL, 1984).

Também para indivíduos em países menos poderosos da Europa, o equilíbrio desigual nas trocas entre suas culturas corporais e de lazer e as dos ingleses não significava que eles eram receptores passivos (HOULIHAN, 1994). O comentário de Holt (1989) em relação à difusão dos esportes britânicos para os Domínios Brancos também se aplica ao continente europeu: esses países não eram *tabula rasa* na qual os britânicos podiam escrever o que desejassem. Antes da introdução dos esportes britânicos, todos os países tiveram suas tradições históricas de jogos, competições e corridas, ainda que não se enquadrassem no formato esportivo britânico: esqui, nos países nórdicos; patinação, nos Países Baixos; tiro, na Suíça; e luta livre, na Bulgária. Dependendo da natureza e intensidade de sua relação com os ingleses, as respostas a nova cultura esportiva nesses países era uma mistura de resistência e admiração, ressentimento e estupefação (BOTTENBURG, 2001). A forma como isso ocorreu precisa ser estudada em cada país ou região separadamente, como fez o teórico político Alan Bairner (2001) em relação à chegada dos esportes britânicos na Irlanda, Escócia e Suécia.

A teoria padrão afirma que a emergência do esporte moderno significou a marginalização das formas mais indígenas de passatempo na Europa: apenas poucas atividades se tornaram populares sob uma forma esportivizada. Esportes associados a países menos poderosos no palco mundial nunca atraíram muito entusiasmo internacionalmente, no entanto muitos estudos demonstraram a persistência desses esportes tradicionais em localidades e grupos específicos (RENSON e SMULDERS, 1981; HOLT, 1990). Eles continuaram a desfrutar de popularidade considerável, especialmente em seus países de origem, e não meramente como resíduos do passado. Com base em estudos como esses, é provável que tradições esportivas locais tenham continuado através do tempo em muitas regiões da Europa. No entanto, sabemos muito pouco sobre o que aconteceu com essas tradições que continuaram a existir, o quão popular ainda são, se foram modeladas de acordo com esportes competitivos ou não, e como os países se diferem nesse aspecto.

No processo de difusão, “jogos não eram simplesmente adotados *in toto*”; os receptores modificavam e frequentemente transformavam o que recebiam (GUTTMANN, 1988). A difusão das regras constituintes eram um elemento nesse processo, a adoção de regras auxiliares e reguladoras era outro totalmente diferente (VAMPLEW, 2007b). Como ocorreu com o críquete na Índia, com o tênis de mesa na China e o futebol no Brasil, em cada país europeu os esportes britânicos foram incorporados a suas culturas de forma tão firme que, com o passar do tempo, mais e mais

peças passaram a vê-los como sua própria herança cultural e perderam interesse em suas origens estrangeiras. Ainda que os esportes britânicos tivessem sido adotados em cada país de forma com que todos jogassem futebol, tênis ou hóquei, suas culturas ainda seriam diferentes. Inicialmente, cada país desenvolveu sua própria tradição esportiva, com seus próprios valores, estilos de jogo, ídolos e memórias coletivas.

Um importante valor do esporte que se difundiu em paralelo a suas regras constitutivas foi a ideologia amadora. A noção de “amadorismo” é um dos conceitos mais difíceis e complexos na história do esporte. Na Inglaterra, seus significados eram sutis e mudaram com o curso do tempo. Quando o modelo esportivo britânico foi adotado no continente, o conceito de amadorismo foi interpretado – tanto dentro como entre os países europeus – de formas diversas e com significados diferentes daqueles na Inglaterra, causando muita confusão e conflito (HOLT, 1989).

Como consequência, a relação entre amadores e profissionais, assim como a forma com que federações esportivas lidaram com o assunto do profissionalismo e da comercialização de seu ramo no esporte, diferiram de acordo com o esporte e também – até mesmo dentro de um único esporte – de acordo com o país. Nesse sentido, é possível fazer distinção entre esportes exclusivamente amadores (como remo, hóquei sobre a grama, atletismo, rúgbi e patinação), esportes com organizações amadoras e profissionais distintas (como boxe, ciclismo, automobilismo e tênis), e esportes nos quais profissionais e amadores caminham lado a lado (como críquete e golfe). Ao apontar para as diferentes formas com que a cultura esportiva britânica foi interpretada e apropriada nos países europeus, esse tema complexo merece cuidadosa atenção na história do esporte europeu.

O sociólogo Ruud Stokvis levantou uma questão original e interessante sobre esse assunto, que pode nos ajudar a compreender as diferenças na comercialização entre esportes e países. De acordo com Stokvis, os esportes modernos evoluíram a partir de passatempos tradicionais que tinham uma longa tradição de prêmios em dinheiro ou produtos. Essa tradição foi interrompida pela era do amadorismo, que durou de cerca de 1880 a 1994, quando o Comitê Olímpico Internacional aboliu a distinção entre amadores e profissionais. Stokvis (2003) caracterizou essa era como “o *intermezzo* do amadorismo”, para indicar que a ideologia amadora precisa ser interpretada como apenas uma fase na história do esporte e não um novo começo. De acordo com essa interpretação, as atividades comerciais esportivas dos séculos XVIII e XIX precisam ser interpretadas não como uma curiosidade, mas como um elemento integral na história social dos esportes modernos.

Sob essa perspectiva, a comercialização dos esportes pode ser geralmente vista como uma continuação de uma tradição mais antiga. Nos Estados Unidos, essa tradição de comercialização foi realizada de forma bem direta, com o desenvolvimento de ligas profissionais e comerciais em muitos esportes, nos séculos XVIII e XIX. Aqui, a ideologia do amadorismo teve impacto real apenas em esportes universitários e olímpicos. Na Europa, no entanto, a tradição de comercialização foi

interrompida pelo *intermezzo* do amadorismo na maioria dos esportes, se não em todos, e para cada esporte na maioria dos países, mas não em todos (STOKVIS, 2003). Alguns esportes foram comercializados em sua fase inicial, outros esportes muito depois, ou não o foram, com muitas diferenças históricas entre os países.

O desafio em se produzir uma história dos esportes modernos da Europa é a investigação desses processos: que esportes foram adotados ou adaptados, e interpretados ou contestados, em quais países; e como, e em que áreas, as histórias dos esportes e histórias de esportes, em diferentes partes da Europa, convergem ou divergem?

É evidente que isso precisa ser analisado em um contexto histórico-social mais amplo. Nas primeiras etapas do desenvolvimento do esporte – o surgimento e a difusão do modelo esportivo britânico – são especialmente importantes a ascensão da burguesia, das classes médias e a promoção de seus valores, contra esportes violentos como a briga com os punhos e esportes sangrentos com animais. Outro processo social muito influente foi a reforma educacional e o crescimento no número de alunos secundaristas em quase todos os países da Europa ocidental ao final do século XIX, em conjunto com o papel do esporte e da educação física no sistema educacional de cada país. O processo de construção da nação deve ser ainda mais importante. A criação de uma identidade nacional foi uma preocupação central para todos os países europeus na primeira fase de difusão dos esportes. Camponeses foram transformados em franceses, como o historiador Eugen Weber (1976) demonstrou. Da mesma forma, Alemanha e Itália foram construídas como novas nações, mas essas nações ainda precisavam criar cidadãos que se enxergassem como alemães e italianos. Confrontados por esse desafio, cada Estado tentou impor línguas, sistemas educacionais, serviços militares e símbolos nacionais, como hinos, bandeiras, uniformes e emblemas. Como muitos estudiosos mostraram, a ascensão dos esportes forneceu muitas expressões de nacionalismo, que apoiaram esse processo (MANGAN, 1995; BAIRNER, 2001). Até mesmo esportes adotados da Inglaterra, sobretudo o futebol, serviram como novos meios de identificação nacional em países como a Itália, amparados por diversas tradições inventadas, como jogos internacionais nos quais todos os símbolos nacionais estavam envolvidos (HOBSBAWM e RANGER, 1983).

O sociólogo Raffaele Poli (2007) argumentou que o crescimento do nacionalismo antes da Primeira Guerra Mundial imbuiu o esporte de forte significado político, mas que no mundo contemporâneo algumas formas de “desnacionalização” e “desterritorialização” podem ser observadas no esporte, como resultado de fluxos migratórios globais acelerados e de cobertura midiática global. A integração de esportistas de origem estrangeira em seleções nacionais de seus países hospedeiros é um caso que demonstra isso, a identificação de indivíduos com clubes esportivos e estrelas de outros países é outro. Isso vai ao encontro do ponto de vista do sociólogo Joseph Maguire (1998), que afirmou que os esportes atuais ainda unem pessoas a identidades nacionais, mas é cada vez mais difícil sustentar a noção de que um único esporte represente a nação.

Outros autores vão ainda mais adiante e argumentam que nas fases tardias do desenvolvimento do esporte, processos – não confinados a qualquer estado-nação ou região em particular – tiveram influência na reconfiguração do esporte, especialmente corporativização, comercialização e globalização. “Sinais de satélite não são restritos por fronteiras nacionais, e assinantes de canais a cabo por todo o mundo assistem a uma variedade de programas que seriam inacessíveis ao local” (MILLER et al., 2001). Ainda que existam boas razões para presumir que a difusão de significados e formas esportivas sejam crescentemente influenciadas por organizações esportivas internacionais e corporações de mídia e negócios transnacionais, os Estados continuam sendo atores importantes através dos sistemas educacionais, de subsídios a organizações esportivas e de rituais cívicos relacionados ao esporte, entre outros. Teóricos da globalização contemporâneos argumentariam, no entanto, que ao final nem os Estados-Nação nem as organizações transnacionais têm o poder de determinar a história cultural dos esportes no nível local, uma vez que a capacidade de indivíduos e comunidades locais de se apropriarem e darem seu próprio significado a bens e práticas esportivas – dentro das estruturas limitadoras do Estado e do mercado – não devem ser subestimadas.

## **Conclusões**

O desejo de Guttmann (1983, p. 36) por uma história do esporte europeu ideal, consistindo em “um único abrangente volume (...) por uma pessoa cuja visão unificadora forneça uma combinação de dados relevantes e interpretação persuasiva” pode ser algo inatingível. Mas a oportunidade de lutar por esse ideal envolvendo um grupo de especialistas está mais próximo agora que a comunidade de historiadores do esporte europeus cresceu tanto. Podemos nos aproveitar do crescente número de pesquisas primárias e secundárias da história do esporte em países europeus específicos e relacionadas a modalidades esportivas particulares. Ainda assim, a busca por esse ideal permanecerá sendo um grande desafio por conta das complexidades envolvidas em tal projeto, não apenas em termos de gerenciamento e linguística, mas ainda mais por causa de diferenças teóricas e metodológicas.

Nesse artigo, analisei duas dessas complexidades, como lições a serem aprendidas das mudanças de paradigmas em teorias da globalização. A primeira lição é que a história cultural do esporte na Europa moderna deve reexaminar criticamente modelos unidirecionais de análises de difusão do esporte. Isso é verdade tanto para o senso comum de que a Inglaterra foi o centro de difusão e a premissa comum que esses esportes se difundiram da Inglaterra para o resto do mundo. Dessa forma, deve ser dada maior atenção a processos de difusão reversa, tanto dentro como entre a Europa e outros continentes. Sem o conhecimento das origens e do desenvolvimento dos esportes modernos na Inglaterra, a história do esporte no continente europeu não pode ser compreendida. Mas, ao mesmo tempo, não podemos entender a história do esporte na Inglaterra e na Europa sem conhecer a história do esporte

na Europa continental. A segunda lição se refere a formas com que esportes foram difundidos de um grupo para outro. Para evitar a simplificação de noções como “efeitos de gotejamento” (*trickle down*) entre centros e periferias e grupos dominantes e dominados, uma história cultural transnacional do esporte na Europa deve prestar atenção a processo de adaptação e reinterpretação, assim como de contestação e rejeição, e analisar suas consequências.

Podemos concluir que alguns pontos de vista prevaletentes sobre a origem, difusão e desenvolvimento dos esportes europeus precisam ser reconsiderados. Será que o foco tem sido tão grande na Inglaterra e na difusão dos esportes a partir desse centro de difusão, de modo que o significado e o impacto de tradições e iniciativas em outros países europeus tenha sido negligenciado ou subestimado? Será que nos esforçamos o suficiente para descrever e explicar os processos de “difusão reversa” de países política economicamente mais fracos para países mais fortes, em esportes como polo, judô, lacrosse e capoeira, para mencionar alguns? (GUTTMANN, 1978). Será que dedicamos atenção suficiente para esportes que se originaram em potências mundiais e que floresceram fora de suas nações de origem? (BOTTENBURG, 2003). Será que analisamos adequadamente o impacto que fluxos de indivíduos (turistas, imigrantes, refugiados, trabalhadores convidados, expatriados) e imagens e informações midiáticas (jornais, revistas, rádio, televisão e internet) tiveram na difusão de práticas e valores esportivos? (APPADURAI, 1990).

Por um lado, ainda podemos encontrar padrões gerais, como difusão hierárquica e contagiante, produzidas por balanças de poder desiguais e junções críticas nesse processo. Por outro, precisamos repensar nossos conceitos e teorias para lidar com a complexidade e a diversidade das ricas histórias do esporte de indivíduos de toda a Europa (BALE, 1989).

## Referências

ABOU-EL-HAJ, Barbara. Languages and Models for Cultural Exchange. In: KING, Anthony D. (org.). Culture, globalization and the World-System: contemporary conditions for the representation of identity. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 139-144.

APPADURAI, Arjun. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. *Theory, Culture and Society*, 7, 1990, p. 295-310.

\_\_\_\_\_. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

ARNAUD, Pierre; RIORDAN, James (orgs.). *Sport and international politics: the impact of Fascism and Communism on sport*. Londres: Spon Press, 1998.

ARNAUD, Pierre; TERRET, Thierry. Histoire du sport féminin. Paris: L'Harmattan, 1996.

BAIRNER, Alan. Sport, nationalism, and globalization: European and North American perspectives. Albany: State University of New York Press, 2001.

BALE, John. Sports geography. Londres: E. & F.N. Spon, 1989.

BALE, John; PHILO, Chris (orgs.). Body cultures: essays on sport, space and identity by Henning Eichberg. Londres: Routledge, 1998.

BOTTENBURG, Maarten van. Global games. Urbana: University of Illinois Press, 2001.

\_\_\_\_\_. Thrown for a Loss? (American) Football and the European Sport Space. *American Behavioral Scientist*, 46, 2003, p. 1550-1562.

BROWNELL, Susan. The Problems with Ritual and Modernization Theory, and Why We Need Marx: A Commentary on from Ritual to Record. *Sport History Review*, 32, 2001, p. 28-41.

CARDOSO, Fernando Henrique; ENZO, Faletto. Dependency and development in Latin America. Berkeley: University of California Press, 1979.

DUNNING, Eric; ROJEK, Christopher (orgs.). Sport and leisure in the civilizing process: critique and counter-critique. Toronto: University of Toronto Press, 1992.

EICHBERG, Henning. Leistung, Spannung, Geschwindigkeit. Stuttgart: Klett-Cotta, 1978.

EISENBERG, Christiane. English Sports Und Deutsche Bürger: Eine Gesellschaftsgeschichte 1800-1939. Paderborn: Ferdinand Schöningh Verlag, 1999.

EISENSTADT, S. N. Studies of modernization and sociological theory. *History and Theory*, 8, 1974, p. 225-252.

ELIAS, Norbert. The genesis of sport as a sociological problem. In: DUNNING, Eric (org.). *The sociology of sport: a selection of readings*. Londres: Frank Cass, 1971, p. 88-115.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. Quest for excitement: sport and leisure in the civilizing process. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

FEATHERSTONE, Mike (org.). Global culture: nationalism, globalization and modernity. Londres: Sage, 1990.

GUTTMANN, Allen. From ritual to record. Nova York: Columbia University Press, 1978.

\_\_\_\_\_. Recent work in European Sport History. *Journal of Sport History*, 10, 1983, p. 35-49.

\_\_\_\_\_. 'Our former colonial masters': the diffusion of sports and the question of cultural imperialism. *Stadion*, 14, 1988, p. 49-64.

\_\_\_\_\_. Sports diffusion: a response to Maguire and the Americanization commentaries. *Sociology of Sport Journal*, 8, 1991, p. 185-190.

\_\_\_\_\_. Games and empires: modern sports and cultural imperialism. Nova York: Columbia University Press, 1994.

HAMELINK, Cees J. Cultural autonomy in global communication. Nova York: Longman, 1983.

HANNERZ, Ulf. Cultural complexity: studies in the social organization of meaning. Nova York: Columbia University Press, 1992.

HELD, David; MCGREW, Anthony. Globalization/Anti-Globalization: beyond the great divide. Cambridge: Polity, 2007.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). The invention of tradition. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HOLT, Richard. Sport and Society in Modern France. Londres: MacMillan, 1981.

\_\_\_\_\_. Sport and the British: a modern History. Oxford: Oxford University Press, 1989.

\_\_\_\_\_ (org.). Sport and the working class in Modern Britain. Manchester: Manchester University Press, 1990.

HOULIHAN, Barrie. Homogenization, Americanization, and Creolization of sport: varieties of globalization. *Sociology of Sport Journal*, 11, 1994, p. 356-375.

INGHAM, Alan G. Review of games and empires: modern sports and cultural imperialism by Allen Guttman. *Sociology of Sport Journal*, 14, 1997, p. 304-309.

JARVIE, Grant; WALKER, Graham (orgs.). Scottish Sport in the Making of the Nation. Leicester: Leicester University Press, 1994.

KIDD, Bruce. How do we find our own voices in the 'New World Order'?

a commentary on Americanization. *Sociology of Sport Journal*, 8, 1991, p. 178-184.

KING, Anthony D. Introduction: spaces of culture, spaces of knowledge. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Culture, globalization and the World-System: contemporary conditions for the representation of identity*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

KLEIN, Alan M. Sport and culture as contested terrain: Americanization in the Caribbean. *Sociology of Sport Journal*, 8, 1991, p. 79-85.

KLOEREN, Maria. *Sport und Rekord. Kultursoziologische untersuchungen zum England des sechzehnten bis achtzehnten Jahrhunderts*. Leipzig: Von Bernhard Tauchnitz, 1935.

LANDES, David. *The unbound Prometheus: technological change and industrial development in Western Europe from 1750 to the present*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MAGUIRE, Joseph. More than a sporting touchdown: the making of American Football in England 1982-1990. *Sociology of Sport Journal*, 7, 1990, p. 213-237.

\_\_\_\_\_. Globalization and sportization: a figurational process/sociological perspective. *Avante*, 4, 1998, p. 67-89.

\_\_\_\_\_. *Global sport: identities, societies, civilizations*. Cambridge: Polity Press, 1999.

MANDELL, Richard D. *Sport: a Cultural History*. Nova York: Columbia University Press, 1984.

MANGAN, J.A. (org.). *Tribal identities: historical perspectives on nationalism, Europe and sport* (Londres: Frank Cass, 1995).

\_\_\_\_\_. *Reformers, sport, modernizers: middle class revolutionaries, the European Sports History Review*. Londres: Frank Cass, 2002.

MCGREW, Anthony; HELD, David (orgs.). *Globalization theory: approaches and controversies*. Cambridge: Polity Press, 2007.

MCKAY, Jim; MILLER, Toby. From old boys to men and women of the corporation: the Americanization and commodification of Australian sport. *Sociology of Sport Journal*, 8, 1991, p. 86-94.

MILLER, Toby et al. *Globalization and sport: playing the world*. Londres: Sage, 2001.

NAUL, Roland (org.). Turnen and sport: the cross-cultural exchange. Nova York/  
Münster: Waxmann, 1991.

PFISTER, Gertrud. Cultural confrontations: German turnen, Swedish gymnastics and English sport – European diversity in physical activities from a historical perspective. *Sport in Society*, 6, 2003, p. 61-91.

PIETERSE, Jan Nederveen. A critique of World System theory. *International Sociology*, 3, 1988, p. 251-266.

POLI, Raffaele. The denationalization of sport: de-ethnicization of the nation and identity deterritorialization. *Sport in Society*, 10, 2007, p. 646-661.

RENSON, Roland; SMULDERS, Herman. Research methods and development of the Flemish Folk Games file. *International Review of Sport Sociology*, 16, 1981, p. 97-107.

RIORDAN, James; KRÜGER, Arnd (orgs.). European cultures in sport: examining the nations and regions. Bristol: Intellect, 2003.

ROBERTSON, Roland. Globalization: social theory and global culture. Londres: Sage, 1992.

ROKKAN, Stein. Nation-Building: A Review of Models and Approaches. In: ROKKAN, Stein; SAELEN, Kirsti; WARMBRUNN, Joan (orgs.). Nation building: a review of recent comparative research and a select bibliography of analytical studies. Haia: Mouton & Co., 1971, p. 7-39.

ROSSI, Ino (org.). Frontiers of globalization research: theoretical and methodological approaches. Nova York: Springer, 2007.

SASSEN, Saskia. A sociology of globalization. Londres: Norton & Company, 2006.

\_\_\_\_\_. Territory, authority, rights: from medieval to global assemblages. Princeton: Princeton University Press, 2008.

SCHÖFFLER, Herbert. England das Land des Sportes. Münster: Lit Verlag, [1935] 1986.

SCHILLER, Herbert I. Communication and cultural domination. Nova York: International Arts and Sciences Press, 1976.

STOKVIS, Ruud. The international and national expansion of sport. In: WAGNER, Eric A. (org.). Sport in Asia and Africa. Nova York: Greenwood Press, 1989, p. 13-24.

\_\_\_\_\_. Sport, publiek en de Media. Amsterdam: Aksant, 2003.

STRUNA, Nancy L. Social History and sport. In: COAKLEY, Jay; DUNNING, Eric (orgs.). Handbook of Sports Studies. Londres: Sage Publications, 2000, p. 187-203.

TOMLINSON, John. Globalization and culture. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

TRANter, Neil. Sport, Economy and Society in Britain. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

URRY, John. Global complexity. Cambridge: Polity, 2003.

VAMPLEW, Wray. Empiricist versus sociological history: some comments on the 'civilizing process'. Sport in history, 27, 2007a, p. 161-171.

\_\_\_\_\_. Playing with the rules: influences on the development of regulation in sport. International Journal of the History of Sport, 24, 2007b, p. 843-871.

WAGNER, Eric A. Sport in Asia and Africa: Americanization or Mundialization? Sociology of Sport Journal, 7, 1990, p. 399-402.

WALLERSTEIN, Immanuel. Culture as the ideological battleground of the Modern World System. Theory, Culture and Society, 7, 1990, p. 31-55.

WEBER, Eugen. Peasants into Frenchmen: the modernization of rural France, 1870-1914. Stanford: Stanford University Press, 1976.

Recebido em 26 de fevereiro de 2016

Aceito em 05 de junho de 2016